



A narrativa contemporânea de *Galileia*: uma nova abordagem do sertão

André Uzêda^{*}

“Então, pela virtude do espírito, voltou Jesus para a Galileia, e a sua fama correu por todas as terras em derredor”.

São Lucas

“O sertão está em toda parte”.

Guimarães Rosa

Três homens, um velho patriarca e um destino: em *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito, a temática do sertão e do homem sertanejo é revivida de uma forma inovadora, contemporânea. No livro ganhador do segundo prêmio São Paulo de Literatura, 2009, Raimundo Caetano, o patriarca da outrora poderosa família dos Rego Castro e dono das também outrora vastas e ricas terras da fazenda Galileia, no interior do sertão cearense, encontra-se à beira da morte. Não só sua vida, envolvida por segredos, assassinatos, adultérios, mandos e desmandos por todo o sertão do Ceará, será revivida pela memória dos filhos e netos, como também Galileia, palco de inúmeras lembranças, é revigorada nas 236 páginas desse intenso romance.

^{*} Graduando em Letras (UFRJ)

A história dos três primos que retornam à velha fazenda para visitar o avô Raimundo Caetano, agora doente, configura-se um estilo muito peculiar e da maior modernidade. O dramaturgo e roteirista de cinema aplica em seu texto uma narrativa cinematográfica, (des)configurada em *flashes*, possibilitando que a ótica do discurso em primeira pessoa seja repartida em diversas perspectivas. A marca da oralidade presente em sua escrita apresenta ainda uma nova leitura de uma memória sertaneja, atual e ao mesmo tempo fincada sobre os pilares de toda a tradição literária brasileira que trabalha essa temática: João Guimarães Rosa, Euclides da Cunha e Graciliano Ramos são alguns dos nossos autores sobre os quais Ronaldo se apoia para a constituição do seu primeiro romance.

No presente artigo temos como objetivo partir de uma interpretação do mais concreto para o mais abstrato, mostrando primeiramente os traços dessa contemporaneidade na estrutura narrativa em relação à temática do sertão. Isso posto, notaremos que o modo como Ronaldo Correia de Brito estrutura a narrativa é um ponto chave para a construção memorialística desse sertão misterioso que é Galileia. As simbologias presentes na poética do romance são de uma sofisticação literária valiosa e dificilmente encontrada na produção brasileira contemporânea. Partindo desse pressuposto, mostraremos, então, algumas das ironias escondidas sob as simbologias do sertão de *Galileia*.

A narrativa sertaneja chega à contemporaneidade

São várias as peculiaridades da narrativa de *Galileia*. Assim que se inicia a leitura, percebe-se a estrutura de romance pretendida pelo autor: “Adonias” intitula o primeiro capítulo do

romance, da mesma maneira que os dezenove seguintes são intitulados por nomes de outras personagens. A escolha não é fortuita: Adonias é o jovem médico, neto do patriarca Raimundo Caetano, que narra as histórias de Galileia e de quem as vivenciou.

No entanto, em meio ao tom de hesitação e insegurança da narração de Adonias – “Penso em voltar para o Recife, obedecendo a pressentimentos de desgraça, receios que me invadem em todas as reuniões da família” (p. 7) –, a disposição de *flashes* e cortes na narrativa em primeira pessoa não permite afirmar se é sob sua perspectiva que o mundo de Galileia vai aos poucos constituindo-se para o leitor. Em meio às divagações e seu fluxo de consciência, os cortes, lembrando os cinematográficos *flashbacks*, indicam a entrada de uma descrição de cena, de um relato do passado ou do presente, ou ainda uma voz do inconsciente, como um sonho ou uma descrição fantástica.

Aliada a essa narrativa refinada, os traços de contemporaneidade se apresentam também a partir da exposição de marcas sociais do Brasil atual. Ao sertão de guerras entre jagunços de *Grande sertão: veredas* e da miséria dos sertanejos de *Vidas secas*, Ronaldo Correia de Brito leva denúncias sociais atuais, como a exploração sexual de menores no agreste nordestino e a perda da identidade sertaneja entre os mais jovens. Mais do que isso, apresenta um ambiente urbano em contraste com um rural, introduzindo imagens extremamente atuais no campo semântico do sertão. O contraste fica claro em passagens como:

– Já se acessa a *internet* na fazenda?

– Claro que não – responde Ismael, mesmo sem saber de certeza, porque há anos não mora na Galileia. – Aquilo lá não é Miami. Tem energia elétrica e já está muito bom. Você pode assistir ao *Big Brother*, ou ir pra cidade, se quiser navegar (p. 34).

Mas ele quis um celular! Desejou não sei pra quê. Não tem nenhuma utilidade aqui. Nem pegar pega. Pode ligar o seu agora e testar. Pega? Não pega! Ele viu na televisão e achou bonito. Agora, os rapazes acham feio vestir roupa de couro, botar um chapéu na cabeça. Estão no direito deles. Mudaram os tempos (p. 38).

A narrativa que abre espaço a essas marcas da contemporaneidade não está totalmente dissociada de uma linguagem poética, como propôs Guimarães Rosa. Algumas imagens possuem uma sonoridade bem marcada pela oralidade: “As moscas zanzam fora de hora, despertadas pela luz. [...] Parecem insones, sem saber o que fazem” (p. 33), diz o narrador. Ao falar das moscas, a sentença que se segue apresenta uma mescla de sonoridade dos fonemas [s] e [z] que nos remete ao som produzido pelo zanzar desses insetos.

Algumas imagens metafóricas também merecem destaque:

O céu prepara-se para chover, bem no jeito do sertão, o tempo muda ligeiro, carregando-se de nuvens pesadas. Troveja, relampeja, verbos impessoais, não podem ser conjugados com sujeito (p. 35).

O autor brinca com a função sintática dos verbos classificados como impessoais pela gramática tradicional, lembrando que essas ações independem da vontade humana.

Ainda sobre a narrativa, é importante frisar que o isomorfismo aplicado pelo autor remete-nos, em uma passagem singular no romance, a uma tradição metaficcional já trabalhada por grandes literatos ocidentais. Laurence Sterne, Almeida Garrett e Machado de Assis foram alguns que questionaram o fazer literário como apenas texto, inovando-o graficamente. Com isso, o isomorfismo ganha dimensões muito mais amplas.

Em determinado momento, o narrador não presta atenção em um diálogo estabelecido com um senhor dono de um bar. A maneira como reproduz a falta de atenção ao que é dito é transposto para o papel por meio de frases soltas e palavras distanciadas. Dessa forma, os espaços “em branco” nos remetem, isomorficamente, ao espaço em branco na mente do narrador, que não depreendeu o que foi dito.

A memória do sertão capturada por uma lente multifocal

A disposição estrutural do romance em vinte capítulos intitulados com o nome dos personagens é de fundamental importância para compreender o trabalho memorialístico intrínseco à narrativa de *Galileia*. Conforme os capítulos apresentam a perspectiva de ou sobre uma personagem, a perspectiva do narrador entra em confronto com os relatos que se seguem sobre ela, o que nos leva a uma narrativa multifocal. Essa narrativa é a responsável por recriar as memórias das personagens, principalmente do patriarca Raimundo Caetano, partindo para uma memória coletiva: as mais diversas – e profanas – histórias das terras de Galileia.

Um dos grandes méritos do romance está em não apresentar uma narrativa convencional, com início, meio e fim bem delimitados. Os vários focos narrativos e perspectivados não permitem que uma imagem clara da memória de Galileia seja recriada, já que os pontos de vista são vagos, imprecisos e chegam a entrar em conflito. Dessa forma, as perspectivas de dois personagens para um mesmo relato, aliadas à perspectiva opinativa do narrador Adonias, apresentam versões diferentes.

Com a aproximação da morte de Raimundo Caetano, a família retorna à fazenda. O que parecia passado agora se funde

com o presente, e a partir disso começa o trabalho memorialístico do romance: a Galileia do passado é revivida agora como memória e recriada de maneira que o leitor possa vivenciá-la. É esse retorno o fator propulsor para que toda a memória acumulada nos personagens emane-se, de forma que o autor nos leva a questionar se a memória está perdida no interior dos personagens ou em Galileia.

A indefinição da memória do espaço físico está ligada diretamente às histórias, também pouco explicadas, de Raimundo Caetano. De alguma maneira – geralmente negativa – todas as personagens têm uma ligação com o patriarca, recontadas a partir de relatos escondidos sob a narrativa multifocal do romance. O passado vivido em Galileia é apresentado como pouco agradável, de que se quer distanciar, não só sob a ótica de Adonias, mas também dos outros netos: Ismael, Elias e Davi. Em uma metáfora retomada em vários momentos do romance, Adonias diz:

– Meu pai exigia que eu memorizasse as plantas da caatinga, por mais insignificantes que me parecessem. Eu recitava os nomes, mas era incapaz de reconhecer as árvores [...].

Recitei os nomes com orgulho da memória, e depois recai na tristeza. O meu conhecimento me parecia inútil. Nunca o usei em nada. Atravesso os sertões vislumbrando sombras negras, os restos vegetais dessa memória (p. 12).

A memória dos nomes das plantas da caatinga é sempre retomada por Adonias no decorrer da narrativa, como digressões. Os nomes decorados são a grande metáfora subjacente às passagens em que as recordações do passado da personagem questionam a utilidade de lembrar Galileia. Partindo da premissa de que toda memória é seletiva, o autor questiona a consciência de tal seleção. Na verdade, mostra que a memória trabalha sempre com

o inconsciente humano, já que não somos capazes de selecionar o que queremos memorizar.

Manuel Antônio de Castro trata de duas memórias, uma natural e outra cultural. No entanto, lembra que entre as duas não há oposição:

Hoje se lê a memória natural como *código genético*, o que é uma denominação imprópria, pois só pode haver memória natural porque já é linguagem. O conceito de código não dá conta do que é linguagem. Em vista disso a memória cultural é a memória natural manifestada como linguagem, não como linguagem cultural, mas como linguagem simplesmente, sem atributos (2009, 2; grifo nosso).

Em outras palavras, Castro afirma que a linguagem é responsável pela transmissão da memória e que sem ela não há processo de transmissão. No entanto, a transmissão da memória pode ocorrer, como ele também lembra, de forma natural, pela genética, que transpõe as memórias biológicas de homem para homem. Portanto, em *Galileia* temos uma memória do sertão repassada em dois níveis.

No primeiro nível, cultural, a memória coletiva é repassada pela linguagem até suas últimas instâncias, em que a própria literatura é responsável por levá-la aos leitores. No segundo nível, biológico, a memória sertaneja é carregada pelos homens do sertão, lembrando o que já dizia Guimarães Rosa: “O sertão está em toda parte” (1956, 8). Só está porque os homens o carregam dentro de si. Assim, em determinada passagem, Ismael, primo de Adonias, diz que “o sertão a gente traz nos olhos, no sangue, nos cromossomos. É uma doença sem cura” (p. 19). O sertão está tão intrínseco à personagem que se configura uma doença incurável e hereditária.

“Por que a memória de Adonias ainda guarda os nomes de plantas da caatinga, bem como todas as recordações de sua infância em Galileia?”, faz-nos questionar Ronaldo. A resposta está na própria memória do sertão, que naturalmente se estabelece como intrínseca ao sertanejo. O homem pode até sair do sertão, como fizeram os netos de Raimundo Caetano, mas o sertão nunca sairá de dentro deles.

A ironia oculta sob a simbologia e os mistérios de Galileia

Galileia esconde muito mais do que as profanações de Raimundo Caetano. É um romance repleto de simbologias e referências que permitem aos leitores uma interpretação ampla da história dos mandos e desmandos de Raimundo Caetano no sertão cearense. O ponto que mais nos chama atenção desde o início é a grande quantidade de referências bíblicas, partindo logo do título do romance. Intitular seu romance de “Galileia”, a terra sagrada em que Jesus passa a maior parte da sua vida, desde a infância até seu retorno à Judeia, pode ser entendido como uma grande ironia do autor.

Segundo o Evangelho de São Mateus, Jesus, ainda criança, segue com os pais para Nazaré, cidade da Galileia, onde “será chamado Nazareno” (Mt., 2:23). Após a ida às terras da Galileia, Jesus só recebe nova referência quando de seu batismo pelo apóstolo João, já com trinta anos de idade. São Lucas ainda faz referência ao encontro de Jesus com os sábios “doutores” (Lc., 2:46) em Jerusalém, seguindo logo após para Nazaré, onde “crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens” (Lc., 2:52), não havendo mais nenhuma referência até seu batismo.

Assim, as terras sagradas de Galileia são marcadas, dentre outros significativos fatos da vida de Jesus Cristo, como o período do oculto, do obscuro, do não dito na vida de Cristo. Da mesma forma, na Galileia de Ronaldo Correia de Brito temos um espaço que preserva as memórias ocultas e obscuras de Raimundo Caetano. A ironia decorre do fato de na Bíblia termos um espaço ligado ao sagrado, ao passo que na fazenda do patriarca se executam os atos mais profanos, como assassinatos, adultérios e vinganças.

A ironia se estende ao se ressaltar que Raimundo Caetano se orgulha de ser dono de todo o império que fora outrora Galileia, e assim dizer-se “de Galileia”, ao passo que Cristo era chamado pelos habitantes da Judeia como “o Galileu” ou “o de Galileia” com um sentido pejorativo, já que seus habitantes eram considerados pouco inteligentes e indisciplinados.

A referência bíblica inclui ainda traços do Antigo Testamento. Adonias relata que a família dos Rego Castro é proveniente de cristãos novos, portanto todos os filhos e netos do patriarca têm nomes bíblicos, bem como seus ancestrais. É justamente Raimundo Caetano o único a ser batizado com um nome não bíblico: “- Abraão não ser nome cristão! Com este nome não batizo” (p. 29) foram as palavras do padre estrangeiro no momento em que se batizava o patriarca. Assim, o narrador justifica a escolha dos nomes de todos os seus descendentes: “A escolha se deu por causa de uma humilhação sofrida no momento do seu batismo” (p. 28).

Durante todo o romance percebe-se que as referências religiosas estão diretamente ligadas às ironias ocultas no texto. Não é de se espantar que no momento em que se espera a morte de Raimundo Caetano, tais referências – e consequentemente as ironias –

se aprofundem: até o fim do romance, o patriarca não morre, por mais que assim ele deseje. E questiona: “Adonias, será pecado desejar morrer?” (p. 221). A religiosidade de Raimundo Caetano é posta em xeque diversas vezes pelo narrador: “Ele próprio se declarava um católico apostólico romano” (p. 29), ao mesmo tempo que “a vida toda praticou um catolicismo pagão” (p. 23).

Diante da iminente morte do patriarca, Adonias declara que “ninguém se aproxima do avô com sincera compaixão” (p. 106), como, de resto, fizera o avô com as pessoas ao longo da vida. A ironia, por fim, eleva-se de tal forma que o pecador se questiona sobre um último pecado, à beira da morte, que não consegue mais realizar.

Referências

- BRITO, Ronaldo Correia de. *Galileia*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008.
- CASTRO, Manuel Antônio de. “Memória, 2”. In: CASTRO, Manuel Antônio de et al. *Dicionário de poética e pensamento*. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br>. Acessado em 8 nov. 2009.
- EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS. In: *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1994.
- EVANGELHO SEGUNDO SÃO LUCAS. In: *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1994.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

